

Vocabulário regional de Ademir Braz: Campos semânticos Atividades Profissionais e Fauna e Flora Amazônica

*Ademir Braz's Regional Vocabulary: Semantic Fields, Professional Activities, and
Amazonian Fauna and Flora*

Franklin Yago de Souza HIPÓLITO*

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Eliane Pereira Machado SOARES**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

RESUMO: No presente trabalho, propomos um estudo sobre o vocabulário do escritor amazônida Ademir Braz, buscando investigar a correlação entre língua, culturas e identidades marabaense a partir dos livros de poemas *Esta Terra* (2003) e *Rebanho de pedras* (2003) e do livro de crônicas *A bela dos moinhos azuis* (2015). Acreditamos que a obra e, por conseguinte, o vocabulário de Ademir Braz, são atravessados pelos processos históricos, sociais e culturais pelos quais a cidade de Marabá passou. Nosso enfoque será, especificamente, os campos semânticos: Atividades Profissionais e Fauna e Flora Amazônica, dos quais emerge o contexto socioambiental da cidade de Marabá, bem como da região Sul e Sudeste do Pará, corroborando o compromisso de Ademir Braz com a região amazônica e, principalmente, com os povos da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Vocabulário. Ademir Braz.

ABSTRACT: In this paper, we propose a study of the vocabulary of Amazonian writer Ademir Braz, seeking to investigate the correlation between language, cultures, and identities of Marabá, based on the poetry collections *Esta Terra* (2003) and *Rebanho de pedras* (2003) and the chronicle collection *A bela dos moinhos azuis* (2015). We believe that Ademir Braz's work, and consequently his vocabulary, are influenced by the historical, social, and cultural processes that the city of Marabá has undergone. Our focus will be specifically on the semantic fields: Professional Activities and Amazonian Fauna and Flora, from which emerge the socio- environmental context of the city of Marabá, as well as the southern and southeastern regions of Pará, corroborating Ademir Braz's commitment to the Amazon region and, especially, to the peoples of the Amazon.

KEYWORDS: Lexicon. Vocabulary. Ademir Braz.

* Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação Acadêmico em Letras (POSLET), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Araguaína-TO. E-mail: franklinhipolito18@gmail.com

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora titular da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Marabá-PA. E-mail: eliane@unifesspa.edu.br

Palavras iniciais

Nascido em Marabá, Sudeste do Pará, o escritor, advogado e jornalista Ademir Braz foi uma das vozes mais potentes e corajosas no que diz respeito a tocar em temas caros à população amazônida, como os impactos socioambientais das empresas de mineração na região e o descaso do Poder Público para com a população.

Em suas obras de poemas *Esta Terra* (2003) e *Rebanho de pedras* (2003) e de crônica *A bela dos moinhos azuis* (2015), há uma forte abordagem da população amazônida e de suas culturas e identidades.

Assim, levando em consideração que o léxico é toda a experiência acumulada por uma comunidade linguística ao longo do tempo (Biderman, 2001), e que um escritor, ao produzir suas obras, faz uso repositório linguístico, podemos afirmar que do vocabulário de Ademir Braz emerge o léxico marabaense, evidenciando as culturas e identidades da cidade e de sua população, o que permite-nos um estudo a partir da interface entre as Ciências do Léxico – Lexicologia e Lexicografia – e os Estudos Literários.

Vale destacar que este artigo é o recorte de uma dissertação de mestrado em que produzimos um vocabulário do escritor marabaense Ademir Braz, que foi dividido em cinco campos semânticos, dos quais apresentaremos apenas dois: Atividades Profissionais e Fauna e Flora Amazônica.

Para melhor compreensão, o trabalho está dividido em duas partes, quais sejam: Fundamentação teórica, em que nos debruçamos sobre o léxico, as culturas e identidades amazônidas e sobre as Ciências do Léxico; e amostra do vocabulário de Ademir Braz.

1 Léxico, Culturas e Identidades Amazônidas

O léxico é o nível da língua que pode ser definido, de uma forma geral, como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística constituído ao longo do tempo (Lucena, 2014).

Ou, nas palavras de Antunes (2012, p.27), trata-se de um “[...] conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da

gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua.”

Percebemos, então, que o léxico “[...] constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras” (Biderman, 2001, p.12)

Além disso, como observa Vilela (1994):

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a atividade extralinguística e que arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos, crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (Vilela, 1994, p. 6)

De acordo com Biderman (2001), o léxico expressa toda a experiência acumulada por uma dada comunidade ao longo do tempo. Soares (2019, p.121) sustenta que o léxico possibilita “[...] conhecer aspectos diversos da vida e da história de um grupo social, bem como é possível, por meio dos usos que o falante faz do léxico, como também dos demais níveis da língua, atribuir-lhe uma identidade geográfica e ou social.”

Quanto à cultura, esta pode ser compreendida de muitas formas, a depender da filiação teórica de cada pesquisador. Neste trabalho, entendemos a cultura como uma configuração de ordem intelectual, artística e moral de uma determinada sociedade ou grupo social (Loureiro, 2019).

Desde a Antiguidade Clássica, a cultura vem sendo compreendida como algo que engloba diferentes aspectos de uma totalidade e que volta-se para a criação e preservação de fatores materiais e imateriais, passando pelo habitar, cultivar e preservar (Loureiro, 2019). Entre esses fatores, destacamos a língua, objeto de interesse deste trabalho.

Para Hall (2004):

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2004, pp. 50-51).

Como evidencia o referido autor, a cultura tem uma grande importância em uma sociedade, uma vez que ela é capaz de não apenas influenciar, mas também construir concepções de mundo, de sociedade e de nós mesmos.

Outro ponto trazido por Hall (2004) é que as culturas constroem identidades, memórias e conectam o presente com o passado. Ou seja, a cultura de uma sociedade exerce a função de constituir e de manter vivos esses aspectos que fazem dessa sociedade ser o que é - como seus costumes e valores - aspectos esses que as diferenciam de outras sociedades, singularizando-a, criando laços afetivos com essas vivências.

Passemos, então, a falar das culturas amazônidas, a fim de compreendermos as razões pelas quais essa cultura é tão híbrida e tão marcada por disputas entre o colonizador e o colonizado, este sempre resistindo às imposições daquele.

Para trazer à tona essa discussão, precisamos voltar aos primeiros contatos dos europeus com a Amazônia, a partir do século XVI, em que já se criava discursos sobre a identidade cultural desta região, a partir de parâmetros homogeneizadores (Penalva; Penalva, 2020).

Estes discursos, construídos na interação do novo ocupante com o meio deram origem a textos que produziram preconceitos que sustentam pontos de vista excludentes, responsáveis pela produção de processos de hierarquia cultural na região, ao longo dos séculos. Convém ressaltar que a Amazônia enquanto espaço físico e cultural tinha elementos que atuaram como dispositivos simbólicos nos colonizadores, produzindo conexões semióticas, o que foi arregimentando todo um universo mítico. Sendo assim, podemos dizer que a ocupação europeia na Amazônia se deu sobretudo no imaginário local. Neste caso específico, não se trata de uma mera imposição de sentidos, mas de um processo de ressignificação de signos culturais, como consequência de diálogos e interações. Não se pode ignorar essas conexões, esses elos que se estabeleceram a partir do contato do ocupante com a nova terra, formando um universo mítico que contribuiu para a produção de textos com vários elementos comuns (Penalva; Penalva, 2020, p. 2).

Outrossim, trazendo a discussão para o *corpus* deste trabalho, vale destacar que a cidade de Marabá, situada na Amazônia Oriental, na qual Ademir Braz esteve inserido e sobre a qual ele sempre falou em seus poemas, contos e crônicas, é marcada por processos de exploração de recursos naturais, como a borracha, castanha, o ouro, o minério, entre outros, e isso, entre outros fatores, acarretou a chegada de pessoas de muitas outras regiões para trabalhar nessas explorações, o que fez com que as culturas e o léxico dessa região fossem (sejam) atravessados e influenciados por esse fluxo migratório.

Vale lembrar também que a Amazônia, por ter sido invadida pelos europeus, sofreu um processo de estigmatização a partir dos discursos desses invasores acerca de suas

identidades, culturas, religiosidades, cosmovisões etc. A esse respeito, Loureiro (2019) afirma que no período de colonização houve uma forte subordinação aos padrões da cultura da Europa, mais especificamente, de Portugal, servindo como uma imposição do imaginário “de fora” sobre a região amazônica.

O autor traz como exemplos o Teatro do Paz, em Belém, o Teatro Amazonas, em Manaus, nos quais promovia-se as representações das companhias líricas internacionais, além da imitação da moda europeia nos trajes e nos costumes, a presença de artistas famosos, a divulgação da música considerada erudita pelos padres-músicos, etc. Tudo isso contribuiu para instituir o imaginário e a cultura europeia em detrimento da cultura local. Desse modo, essa cultura local era “[...] vista como inferior, primitiva, ‘folclórica’, tendo o folclore, nesse caso, o sentido rebaixado de cultura primária, superficial e puramente lúdica” (Loureiro, 2019, p. 94).

Em termos semelhantes, Pizarro (2012, p. 31) sustenta que a “Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela”.

Lima (2014, p.45-46) ratifica:

[...] a Amazônia foi fabricada ou construída discursivamente à semelhança das construções ou fabricações dos lugares exóticos, por colonizadores etnocêntricos incapazes de levar em consideração os saberes tradicionais de suas populações. [...] Nessa perspectiva, como ideia pré-concebida, a Amazônia é ‘fabricada’ sem o concurso de suas populações nativas, taxadas monstruosamente como alteridade exótica e perigosa.

Tendo isso em vista, notamos que obras como a de Ademir Braz criticam esse imaginário acerca das Amazônias e ressignificam, engendram uma nova Amazônia, ou seja, mostram que esta região consegue falar por si só, consegue contar suas histórias, narrar o seu passado, seu presente e refletir sobre o seu futuro. Além disso, é em obras como a desse escritor que, verdadeiramente, emerge a realidade amazônica, seja de sua cultura, suas identidades, seja do seu repositório linguístico, ou seja, do seu léxico.

[...] as literaturas que foram e vêm sendo produzidas nas regiões do sul e sudeste do Pará, remotamente desde o surgimento da Associação Marabaense de Letras, criada por volta de 1920, ou mesmo pouco antes disso, demarcam outras formas de compreensões discursivas sobre a Amazônia e os sujeitos amazônidas. Essa mesma literatura também passou a circunscrever as dimensões culturais, políticas, sociais e de identificação tanto da paisagem amazônica quanto dos amazônidas, traçando, de certo modo, profundas relações dos aspectos da natureza, não como algo que domina ou forja o destino dos sujeitos amazônidas, mas, uma natureza evidenciada pela sua própria condição híbrida. (Oliveira; Penalva, 2021, p.155).

Nessa perspectiva, Loureiro (2019, p. 90) destaca que “A cultura amazônica apresenta uma fisionomia intelectual, artística e moral, própria e constituída no decorrer da história regional. Ao longo dessa história, certos processos sociais concorrem também para reforçar o fértil manancial do imaginário, ou são por ele sustentados”. Como exemplo, o autor cita a Cabanagem e exploração do ouro em Serra Pelada, mas sabemos que há muitos outros, especialmente nas regiões Sul e Sudeste do Pará, como tanto abordou em sua obra o escritor Ademir Braz.

Podemos afirmar, a partir desse contexto, que na Amazônia há o que Bhabha (2010) chama de hibridismo cultural. Nas palavras desse autor, “O hibridismo representa aquele “desvio” ambivalente do sujeito discriminado em direção ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranoica – um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade” (Bhabha, 2010, p. 165).

Esse hibridismo ocorre porque, apesar da imposição da cultura europeia pelos portugueses, os povos amazônidas, especialmente os indígenas e tradicionais, resistiram e ainda resistem, ou seja, as culturas de fora não se tornaram homogêneas entre a população, apesar de se sobrepor às dos povos originários e tradicionais.

[...] o hibridismo não é mero efeito ou consequência do contato entre elementos puros num contexto de heterogeneidades estanques, mas performatiza o processo formador conflitante constante, dinâmico e incessante de linguagens, identidades, culturas, ideologias e tecnologias em contato, entrecruzamentos, travessias e contaminações mútuas. (Souza, 2007, p. 11).

Nesse sentido, as identidades, em nosso caso, as identidades amazônidas, aqui compreendidas como algo formado ao longo do tempo, de forma inconsciente, e que não são completas, posto que sempre estão sempre sendo formadas (Hall, 2004), não são estanques, não são homogêneas, tampouco trata-se de uma única identidade, são formadas na relação entre o eu e a sociedade. Desse modo, o sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, o qual é constituído e modificado em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores a ele, bem como com as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2004).

Atinente a isso, notamos que identidade e diferença andam juntas, sendo, pois, interdependentes, pois quando nos auto afirmamos pertencentes a certo grupo, por exemplo, quando dizemos “sou amazônida”, estamos negando outras identidades. Em

outras palavras, dizer “sou amazônida” marca a diferença cultural, ou seja, significa dizer que não sou Sulista ou Nordestino.

Portanto, as identidades e as diferenças dizem respeito a quem pertence e a quem não pertence, ao que fica dentro e ao que fica fora (Silva, 2000).

De acordo com Hall (2005, p.47):

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definimos algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial.

Penalva (2012, p.27) reforça que “[...] no contexto amazônico, o exotismo do olhar do colonizador, tem contribuído para a negação ou exclusão das diferenças, daquilo que foi considerado por aqueles como esquisitices e deformidades”.

O autor afirma ainda que esses discursos sobre a identidade cultural amazônida foram sendo construídos de modo deliberado e pretensioso pelos europeus, como instrumentos de dominação que havia em seu projeto colonialista.

Na perspectiva de Tupiassú (2005) para o colonizador do passado, e também para o de hoje, ocupar e reinventar a Amazônia às custas da desfiguração e também do apagamento de sua anterioridade milenar, não foi um fato contingente e acidental. Pelo contrário, “Organizaram-se esquemas, estratégias, ao cumprimento de um projeto cultural, político e econômico acionado e supervisionado com mãos de ferro pelo Portugal expansionista” (Tupiassú, 2005, p.301).

As consequências desse projeto europeu de dominação provocaram uma visão homogênea acerca da Amazônia e de suas culturas e identidades. Isso fez com que os povos amazônidas, de alguma forma, passassem a se ver a partir do olhar do outro, e é esse olhar que contribuiu para formar os processos de identificação desses povos (Penalva, 2012).

A Amazônia, assim como toda a América, se formou pelo estranhamento, pela subversão e pela alteração das formas convencionais apresentadas pelo colonizador e não pela mera repetição dos modelos europeus. Compreendemos que a resistência cultural na Amazônia tem se dado justamente por um trabalho de releitura e ressignificação dos modelos impostos. Talvez isso possa ser compreendido como uma tradução cultural empreendida pelos povos que vivem na Amazônia. É preciso incluir nessa discussão sobre identidade cultural nas terras e paragens amazônicas, elementos de instabilidade e movência, que marcam as culturas na contemporaneidade (Penalva, 2012, p. 37-38).

Estamos assumindo, neste trabalho, a noção de diferença cultural proposta por Bhabha (1998), uma vez que que essa diferença “é o processo da enunciação da cultura como ‘concebível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural, ao priorizar afirmações da ou sobre a cultura com a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (Bhabha, 1998, p63).

De acordo com Bhaba (1998, p.228), o objetivo da diferença cultural “é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização”.

No caso das Amazônias, mais especificamente, de Marabá, essa rearticulação ocorre por meio do conhecimento dos povos tradicionais, como pescadores, ribeirinhos, lavradores, indígenas, que resistem à totalização imposta pelas culturas de fora.

Bhaba (1998) ainda afirma que “as designações da diferença cultural interpelam formas de identidade que, devido à sua implicação contínua em outros sistemas simbólicos, são sempre ‘incompletas’ ou abertas à tradução cultural” (Bhaba, 1998, p.228).

A diferença cultural se contrapõe, então, ao que Penalva (2002) chama de projeto de produção de significação homogeneizante e centralizador, o qual cercea ou tenta cercear as diferenças culturais.

Nessa compreensão da diferença cultural, especialmente nas representações pós-coloniais, o sujeito toma consciência de que sua identidade é híbrida, algo que lhe dá subsídios para “destruir as continuidades e constâncias de tradição nacionalista, criando condições para negociar e traduzir suas identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural” (Penalva, 2012, p.73).

Além disso, Bhaba (1998, p.64) argumenta que “a enunciação da diferença cultural problematiza qualquer tentativa de divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima.”

Justificamos essa nossa posição por acreditarmos que “as culturas possuem seus próprios sistemas de significação e organização social, o que torna contraproducente tentar compreendê-las a partir de uma base racionalista e homogeneizante, ou com referência a um conceito particular universal” (Penalva, 2012, p.74).

Em se tratando de uma cidade como Marabá, em que há um forte fluxo migratório, as culturas passam a ser híbridas e a diferença cultural é facilmente observada, uma vez que coexistem no mesmo espaço sujeitos de diferentes regiões, além dos próprios marabaenses e dos povos indígenas.

Cancliani (1999) atribui a hibridização cultural à expansão urbana, a partir do crescimento e da estruturação das cidades. No entanto, em se tratando de uma cidade como Marabá, precisamos associar essa hibridização também ao entrecruzamento de culturas que os movimentos migratórios provocaram.

Penalva (2002) observa que essas migrações que ocorrem no Sudeste do Pará, onde Marabá está situada, são contínuas, uma vez que além de receber pessoas de outras regiões do Brasil, tem-se, no próprio Sudeste do Pará, um movimento migratório ininterrupto, o que relativiza qualquer paradigma binário das relações interculturais.

É esse movimento migratório que faz com que hábitos e costumes do campo e da cidade, dos marabaenses e não marabenses coexistam, interajam e se espraíem uns nos outros. Nessa dinâmica, coexistem no mesmo espaço profissões tradicionais, como a de lavadeira, barqueiro e pescador, e outras impostas pela modernidade, assim como mercearias, armazéns e pequenas lojas disputam espaço com grandes supermercados e shopping's, canções e tradições locais coexistem com as canções e tradições de outras regiões, fazendo com que “as instâncias do culto, do popular e do massivo se reelaboram de tal forma que os elementos intrínsecos de cada uma dessas categorias cedem espaço para a mesclagem e a mistura das culturas” (Penalva, 2002. P.54).

Na perspectiva da diferença, a cultura, além de ser compreendida como uma prática significativa ou simbólica, necessariamente adquire uma consciência da incompletude e da instabilidade, além do elemento relacional. Nas várias interações culturais que se processam nas sociedades atuais, incluindo aí a Amazônia, as culturas diferentes não perdem seus elementos construídos nas interações. As relações se dão por justaposição, que a partir de processos de negociação e conflito, se mantém numa dinâmica própria, consubstanciada sempre no desejo relacional, como bem adverte Bhabha (1998). (Penalva, 2012, p.78)

Sob esse viés, pensar no léxico, na cultura e nas identidades da região Amazônica, em especial da Amazônia Oriental, na qual está situada a cidade de Marabá, onde Ademir Braz nasceu, viveu e produziu toda a sua obra, é pensar que esse léxico, essas culturas e essas identidades são marcados por fatores histórico-sociais e culturais que influenciaram fortemente a obra desse escritor. Acerca desses processos de construção do léxico de uma comunidade, bem como de suas culturas, Oliveira (2001) defende que na formação de uma língua, em particular de um léxico, é necessário levar em consideração a influência que o ambiente

exerce através da experiência social, pois “[...] este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui” (Oliveira, 2001, p. 109).

Dessa forma, como afirmamos anteriormente, o léxico marabaense é marcado por esses fatores históricos, sociais e culturais, e, considerando que Ademir Braz é marabaense, o seu vocabulário também sofre esse processo de influência, o que possibilita um estudo aprofundado do léxico de sua cidade, pois este é, como afirma Oliveira (2001, p.107-108) o “nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo”.

2 Ciências do Léxico: Lexicologia e Lexicografia

A Lexicologia é a ciência que se ocupa de estudar o léxico de uma língua. Nesse sentido, “O objeto principal de estudo da Lexicologia é a palavra. É por meio dela que criamos frases e textos, enfim, efetuamos a escrita. A palavra é elemento fundante na língua e se realiza por meio da linguagem” (Guerra; Andrade, 2012, p.231).

Marabá, por ser uma cidade que recebe muitos migrantes, tem um léxico que se mistura com o léxico dessas pessoas que chegam, as quais incorporam o falar marabaense ao seu, mas que também influenciam o falar da cidade.

Exemplo disso é o nome de uma fruta que, em algumas cidades do Pará, é chamada de Taperebá, mas em Marabá é conhecida como Cajá, e um inseto que os marabaenses conhecem como muriçoca, enquanto em outras cidades do estado é chamado de carapanã.

Outrossim, conforme Barbosa (1980), não se deve confundir a Lexicologia com outros campos da Linguística que também se ocupam de estudar a palavra, como a Morfologia, a Sintaxe e a Semântica. A autora afirma ainda que a Lexicologia é englobante em relação a essas outras disciplinas.

A Lexicografia, por sua vez, é a ciência dos dicionários (Biderman, 2001). Nesse sentido, no que diz respeito à finalidade da obra lexicográfica para o usuário, Bevilacqua e Finatto (2006) observam que é tirar dúvidas quanto à ortografia, à categorização gramatical de palavras e esclarecer o significado de outras.

Percebemos, então, a importância da obra lexicográfica na vida de um falante de uma língua, pois, como sabemos, em nossas práticas sociocomunicativas, é comum surgirem dúvidas quanto ao significado de determinadas palavras, sendo necessário, pois, o uso de um dicionário.

Mesmo em uma época altamente tecnológica como a nossa, na qual para se ter acesso a alguma informação, basta pesquisar na *internet*, o dicionário ainda tem sua importância. Seja ele em sua versão física ou *online*, o dicionário é essencial para o uso correto e adequado de uma língua, bem como para aprender novas palavras, tirar dúvidas, etc.

No quadro a seguir, tentaremos esclarecer a distinção entre Lexicologia e Lexicografia.

Quadro 1 - Diferenças entre as ciências do léxico

	Lexicologia	Lexicografia
Quanto ao fazer	Teórico	Prático
Quanto ao objeto	Lexemas ou palavras	Lexemas ou palavras
Quanto ao recorte da língua	Língua geral	Língua geral

Fonte: Adaptado de Lucena (2008)

Percebemos, a partir do quadro acima, que a principal distinção entre essas duas ciências do léxico é quanto ao fazer, pois enquanto o fazer da Lexicologia é teórico, o da Lexicografia é prático, uma vez que esta produz obras lexicográficas (como dicionários, glossários, vocabulários, etc.).

Nosso estudo, portanto, se ancora tanto na Lexicologia, uma vez que estamos nos debruçando sobre o léxico amazônida, quanto na Lexicografia, tendo em vista que produzimos uma obra lexicográfica, ou seja, um vocabulário, do qual apresentaremos uma amostra na seção a seguir.

3 Vocabulário de Ademir BrazCampo semântico: Atividades Profissionais

B

Barqueiros

s.m. Uma das profissões mais tradicionais de Marabá, e que está diretamente ligada a história do município, especialmente aos ciclos econômicos, quando os migrantes chegavam de barcos, ou quando as mercadorias eram transportadas para outras cidades e estados. Nos dias atuais, os

barqueiros são os responsáveis por carregar os passageiros da Orla Sebastião Miranda à Praia do Tucunaré.

Além disso, os barqueiros são os conhecedores dos rios de Marabá, bem como das encantarias que neles habitam, como o Nego d'água e a Boiuna, e são também os guardiões de muitos causos e histórias da cidade.

“E que pensavam os **barqueiros**

deste médio Tocantins?

Eles cantavam, cantavam...” (ET. p.145).

Barcos de castanha

s.m. Eram os barcos que transportavam as castanhas durante esse Ciclo Econômico, uma vez que ainda não haviam as pontes sobre o rio Tocantins e Itacaiunas, sendo os barcos os únicos meios de transportes.

“[...] a gente roubava moça pra se casar no outro dia; a gente só via gente quando os **barcos de castanha** voltavam da capital.”

(ET. p.139).

Banzeiro

s.m. Ondas de água do rio provocadas pelo vento ou por passagem de embarcação.

“cambaleia o barco

Acima do **banzeiro**” (RP. p.81).

C

Castanheiros

s.m. Trabalhadores cuja função era, durante o Ciclo da Castanha, se embrenhar pelas matas, às quais chegavam por meio de embarcações, para extraí-la. Geralmente cada castanheiro conseguia

coletar até seis caixas de castanhas por dia, trabalhando em condições análogas à escravidão. Eles eram migrantes de diferentes estados, mas a grande maioria era do Maranhão, Amazonas, Goiás e Piauí. “Quantos desses seringueiros, **castanheiros**, esqueciam-se de suas famílias legítimas, e tentavam construir outro lar, servindo-se de contrato civil passado sem as menores garantias[...]” (ET. p.143).

Cumbuca

s.f. Recipiente onde ficam armazenadas as Castanhas do Pará. No falar marabaense, também diz-se de uma pequena bacia.

“A dura teta de fibra

depois de aberta em **cumbuca**,

despeja os bagos suados.” (ET. p.123).

Comboio

s.m. Variante do termo trem, que em Marabá é um dos meios de transportes de passageiros e também para carregar minério, pertencente à Mineradora Vale S.A.

“Ah, como dormir, o, coração
atônito, com esse **comboio**
irreal

levando para o mar o sono e o sonho?” (RP. p.33).

E

Encauchado

adj. Impermeabilizado com a borracha do caucho usado para transportar diferentes produtos. O poema em que a lexia aparece remete a um dos Ciclos Econômicos de Marabá, o da Castanha. “chumbo, cartucho e coragem
levando no **encauchado**” (ET. p.122).

J

Juquireiro

s.m. Trabalhador rural cuja função é roçar a “juquira”, ou seja, os matos de uma propriedade rural. É uma profissão muito comum em Marabá, em razão das muitas fazendas ao redor da cidade. Vale ressaltar que esses profissionais são as principais vítimas do trabalho análogo à escravidão, situação que vem à tona constantemente em notícias de jornais e que já até ganhou as telas do Cinema, por meio do Filme Pureza (2022), que narra uma história real que aconteceu nos anos 1990, quando um jovem maranhense foi ludibriado por um “gato” que lhe ofereceu emprego em uma fazenda de Marabá, mas chegando lá ele foi escravizado até que sua mãe conseguiu denunciar o esquema e libertá-lo, juntamente a todos os outros escravizados. Portanto, falar de juquireiros, lavradores, trabalhadores da terra, era um modo de Ademir Braz também denunciar as condições de trabalho deles.

“Se sobreviverem, as 3 meninas serão rameiras

E os cinco serão **juquireiro** castanheiro lavrador” (ET. p.126).

Jirau

s.m. Armação de madeira, usada para lavar roupa e louça. Em Marabá, esse termo é mais comum do que pia, especialmente no vernáculo dos moradores mais antigos da cidade. Lavar roupa em jiraus construídos na beira dos rios ainda é uma atividade comum em Marabá, especialmente para quem mora próximo ao Tocantins e ao Itacaiúnas.

“Levanta-se lenta e vai banhar a criança;

Do **jirau**, espicha discreta os ouvidos.” (RP. p.93).

L

Lavadeira

s.f. Mulher cuja profissão é lavar roupas por encomenda. durante décadas, essa foi uma das atividades profissionais mais tradicionais de Marabá dentre as mulheres humildes e moradoras da beira dos rios da cidade. No bairro Cabelo Seco há uma homenagem à essas trabalhadoras: O mural das lavadeiras.

“[...] como a **lavadeira** que os panos leva aos girassóis da fonte matinal” (RP. p.25).

Lavrador

s.m. Trabalhador rural que desempenha o papel de cuidar da terra. Assim como o juqueiro, a profissão de lavrador é muito comum em Marabá, seja como pequeno proprietário de terra, seja como trabalhador em propriedades de outrem, em razão do Agronegócio, que é forte na região. Mister ressaltar que esses trabalhadores, em geral com pouca ou nenhuma educação formal, muitas vezes são ludibriados pelos patrões, seja em relação ao salário, seja em relação a outros direitos trabalhistas, como férias, décimo terceiro, etc. Nos textos literários de Ademir Braz, especialmente em *Esta Terra*, é comum a presença do trabalhador rural.

“Se sobreviverem, as 3 meninas serão rameiras

E os cinco serão juqueiro castanheiro **lavrador**” (ET. p.126).

M

Motores de popa

s.m. Eram os barcos em que, durante os primeiros Ciclos Econômicos, os comerciantes e demais trabalhadores usavam para transportar diversos produtos, como a castanha.

“[...] todos sem naturalidade embarcam nos veículos ou nos **motores de popa** e sobem, geralmente o Itacaiunas, para os distritos da escravatura esperançosa.” (ET. p.152).

O

Ouriço

s.m. Casca dura e resistente que protege as castanhas do Pará. Cada uma contém entre 10 e 25 castanhas. O ouriço não é aberto facilmente, mesmo após cair da castanheira, permanece intacto. Os castanheiros, então, tinham de abri-los, com muita força.

Depois que são retiradas as castanhas de dentro dele, pode servir para outros fins, como a confecção de artesanatos, atividade comum no estado do Pará, principalmente em feiras, onde essas artes são vendidas; o ouriço pode ser reutilizado também para armazenar e consumir alimentos, uma influência dos povos tradicionais

“e a mão, de lavar **ouriço**, parece crosta de cedro.” (ET. p.123)

P

Paneiro de castanhas

s.m. Cesto de palha que os castanheiros usavam para carregar, nas costas, a castanha, da floresta até o barracão, onde a armazenavam, no período em que ela movimentava a economia local. “[...] talvez ainda um **paneiro de castanha**

Pendurado entre pele de obras, chapéus” (ET. p.140).

Piaçava

s.f. Vassoura fabricada com material extraído da floresta. “esfrega o chão com a **piaçava** gasta, espalha mais do que junta, as sobras que crianças dispersaram” (RP. p.78).

S

Seringueiro

s.m. Trabalhadores que extraíam o látex das seringueiras, no Ciclo da Borracha. Assim como o castanheiro, o lavrador e o garimpeiro, esse trabalhador era explorado e exercia sua função em condições análogas à escravidão, herança que até hoje perdura nas relações patrão-funcionário, principalmente quando este último não conhece seus direitos trabalhistas. “Quantos desses **seringueiros**, castanheiros, esqueciam-se de suas famílias legítimas, e tentavam construir outro lar, servindo-se de contrato civil passado sem as menores garantias [...]” (ET. p.143).

T

Trem Expresso Carajás

s.m. Trem da Mineradora Vale S.A, composto por em média 330 vagões, estendendo-se por 3.500 metros, com capacidade de carregar mais de 36 mil toneladas de minério de ferro em uma única jornada. Ele transporta o minério extraído da Serra dos Carajás, localizada entre algumas cidades do Sudeste do Pará, entre elas Marabá, de onde segue pela Estrada de Ferro Carajás até o Porto de São Luís, de onde segue de Navio para exportação Global.

“Ó meu Glorioso **Trem Expresso Carajás**: esperai por mim...” (RP. p.33).

V

Vale do Rio Doce

s.f. Mineradora multinacional que atua, desde a década de 1980, na extração de minério de ferro, manganês, cobre e ouro, em Marabá e outras cidades do Pará e do Brasil, a despeito da população desses locais, especialmente dos povos originários, os quais constantemente entram em confronto com a empresa por conta dos impactos ambientais dessa atividade, bem como pelo não

cumprimento dos acordos que há entre eles. “Nossa Senhora **Vale do Rio Doce**.” (RP. P.32). NL: Recentemente a empresa passou a se chamar apenas Vale S.A.

Campo semântico: Fauna e Flora Amazônica

A

Açaizeiro

s.m. Palmeira que produz o açaí, fruta típica do estado do Pará. No contexto em que aparece, essa lexia está relacionada ao perigo iminente da destruição total da Natureza Amazônica, principalmente a longo prazo. Não se trata de um tom pessimista do futuro, mas de um olhar realista sobre o que o poeta observava em seu entorno. Perder essas árvores, esses frutos, esses símbolos que fazem parte do imaginário amazônico é, de certa maneira, perder também as culturas e as identidades amazônidas.

“(iara peixe-boi cobra-norato
açaizeiros castanhais e flores)” (ET. p.134).

C

Castanhais

s.m. Área de terras em que era feita a exploração da Castanha do Pará. Durante muito tempo, eram de livre acesso, até que passaram a ser de propriedade de grandes comerciantes, dando início ao Ciclo da Castanha.

“quando eu for semente que não dá
mais frutos, E os filhos de teu sêmen
perguntarem

A ti sobre símbolos
perdidos (iara peixe
boi cobra-norato

Açaizeiros **castanhais** e flores)” (ET. p.134).

M

Mururé

s.f. Planta aquática presente nos rios das Amazônias. Na obra, o contexto é de denúncia da poluição dos rios, prática comum em Marabá, principalmente no Verão. No inverno a poluição também ocorre devido, às enchentes, que carregam os lixos dos quintais e das ruas para os rios. “Na subida impressionante, o Itacaiúnas vem trazendo ramadas de **mururé**, gravetos, lixo acumulado nos quintais.” (ET. p.161).

O

Oitizeiros

s.f. Árvore frondosa e frutífera, típica da arborização de Marabá. Pode chegar até 10 metros de altura.

“Foi só enquanto saltava amarelinha sobre o calçamento irregular que ia da casa dela até à esquina, sob a rama de **oitizeiros**, que me percebi: nunca mais nos veríamos.” (ABMA. P.25).

P

Posseira (o)

adj. Pessoa que tem a posse de uma terra, devoluta, que usufrui dela, que cuida, planta, colhe, mas não têm um documento oficial que lhe torne proprietário, cuja produção é feita em baixa escala, como Agricultura familiar, distante da lógica da produção em larga escala que impera no Capitalismo. Na região Sudeste do Pará, da qual Marabá faz parte, há, historicamente, conflito pela terra entre posseiros e grileiros, ligados ao Agronegócio, cujo foco é produzir lucro, mesmo que às custas da Natureza. Ademir Braz, como poeta e também como cidadão, se colocava do lado dos posseiros, dos trabalhadores rurais e em defesa natureza.

(e tu, menina

posseira,

presta atenção

neste fato

que um dia não haverá

nem passarinho nem mato).” (ET. P. 133)

S

Sapucaia

s.f. Árvore de grande porte, típica da região Norte e cujos frutos têm sabor semelhante ao da Castanha do Pará. No contexto em que aparece, essa lexia está relacionada à destruição, seja da Natureza, seja da própria humanidade, uma vez que esta precisa da floresta em pé, de ar puro e de água potável, o que está ficando cada vez mais escasso.

“somos raça em extinção.

ave verde e **sapucaia**” (ET. p.135).

Palavras finais

Neste trabalho, tivemos como objetivo investigar o léxico amazônida por meio da obra do escritor marabaense Ademir Braz, tendo como produto final o vocabulário desse autor, cuja obra reflete, em diversos aspectos, a cidade e a região em que viveu.

Desse modo, ao longo de nossa investigação, constatamos que Ademir Braz, em sua trajetória não só como poeta e escritor, mas também como advogado, jornalista e, principalmente, filho da “Terra Mesopotâmica do Sol”, sempre buscou refletir e tecer críticas ao cenário político da cidade, às desigualdades sociais, ao descaso do Poder Público para com a população e aos impactos ambientais e sociais da extração dos recursos naturais, como a castanha, a borracha e o minério.

Tanto a poesia, quanto a prosa e o seu ativismo enquanto intelectual marabaense sempre foram usados a favor da defesa dos marabaenses, especialmente daqueles cuja voz não podia – e ainda não pode – ser ouvida, aqueles que vivem nas periferias, à margem dos seus direitos, invisibilizados pelo Estado.

Os flagelados pelas enchentes, os usuários de transporte público que sofrem diariamente com a superlotação dos veículos e até mesmo com a falta deles, as mulheres vítimas de violência doméstica, os lavradores, juquieiros, pescadores, pessoas comuns, da classe trabalhadora, eram os protagonistas dos textos literários de Ademir Braz.

Por meio de sua fina ironia, do seu humor afiado e do seu talento lírico, Ademir Braz construiu uma obra que, para além do seu valor estético, tem um valor ético, de compromisso social com a sociedade na qual ele estava inserido.

Sem medo das represálias dos poderosos, de sofrer retaliações ou até mesmo de não conseguir e/ou perder emprego e até mesmo financiamento para publicação de suas obras – o que inevitavelmente aconteceu – Ademir usou sua voz literária para verter toda a sua dor e revolta em relação aos impactos do Capitalismo desenfreado em sua região. E não apenas isso, também é evidente a tentativa do literato marabaense de dar visibilidade à sua terra e à sua gente por meio de suas escolhas lexicais, do léxico vivenciado por suas gentes.

Como ficou evidenciado a partir da amostra do vocabulário regional produzido, a cidade de Marabá, a população marabaense, as questões que os atravessam, as práticas e o imaginário cultural estão fortemente refletidos.

As histórias abordadas nos poemas e crônicas se passam nos bairros, nas ruas de Marabá, em seus pontos turísticos, nos rios Tocantins e Itacaiúnas, em eventos e atividades culturais, ou seja, trazem como cenário e como personagens Marabá e sua população e, por conseguinte, revelam o léxico dessa cidade.

Portanto, com este estudo, esperamos contribuir para as investigações acerca da obra desse escritor, especialmente para os estudos linguísticos. Esperamos, ainda, que este trabalho contribua para a valorização da linguagem regional marabaense e das culturas e identidades de nossa cidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **O território das palavras: estudo do texto em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. Modelos em lexicologia. **Língua e literatura**, n. 9, p. 261-279, 1980.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura** (5a reimpressão). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 164 BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 50, n. 2, 2006.

BRAZ, Ademir. **Rebanho de pedras & esta terra**. Poesias. 1ª/2ª edições. Marabá: Grafecort, 2003. BRAZ, Ademir. **A bela dos moinhos azuis**. Marabá-Pa: Editorial Iguana, 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. **TradTerm**, v. 7, p. 153-181, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

GUERRA, Míriam Martinez; ANDRADE, Karylleila de Santos. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas. **Domínios da Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 1, 2012.

HALL, S. A **identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Editora cultural brasil, 2019.

LIMA, Simone de Souza. **Amazônia babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

LUCENA, Josete Marinho de. **Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas, 2008.

LUCENA, Josete Marinho de. Breve estudo da formação lexical no bico do papagaio: Tocantins.

Rev. de Letras – Nº 78 . 33 - Vol. (1) - jan./jun. – 2014.

OLIVEIRA, Airton Souza; PENALVA, Gilson. Reflexões sobre a alteridade na expressão poética de Charles Trocate. **Revista Escritas do Tempo–v**, v. 3, n. 7, p. 147-161, 2021.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

PENALVA, Gilson. **Literatura oral do sudeste paraense: memórias de velhos camponeses**. 2002. 218f. 2002. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras em Estudos Literários)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PENALVA, Gilson. **Estudo comparativo de Dois irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro**. 2012.

PENALVA, Gilson; DE CARVALHO PENALVA, Lorena. Amazônia, Amazonidade e transversalidade: em busca da construção de um conceito. **Organon**, v. 35, n. 70, p. 1-13, 2020.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOARES, Eliane Pereira Machado. MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA NO VOCABULÁRIO DO ESCRITOR JOÃO BRASIL| MEMORY, IDENTITY AND CULTURE IN THE VOCABULARY OF WRITER JOÃO BRASIL. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 63, p. 118-129, 2019.